

Narrativas transmídias e uma cosm(o)ética ativista e jornalística na “Copa do Brasil”

*Gisella Meneguelli Sousa*¹

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. gisella.meneguelli@gmail.com

Resumo

Este artigo busca refletir sobre a narrativa transmídia como recurso de criação e de divulgação das manifestações ocorridas no Brasil durante a Copa do Mundo de 2014. Na tentativa de compreendermos os processos narrativos em alguns meios de comunicação e redes sociais, analisamos o componente transmídia como organizador dos discursos de opinião pública, seja no jornalismo tradicional, seja no jornalismo anárquico.

Palavras-chave

Narrativa transmídia, manifestações, comunicação.

Abstract

This paper aims to reflect on the transmedia storytelling as a resource for creation and dissemination of the rallies that occurred in Brazil during the FIFA World Cup 2014. In an attempt to understand the narrative processes in some media and social networks, we analyzed the transmedia component as an organizer of the discourses of public opinion, whether in the traditional or in the anarchic journalism.

Keywords

Transmedia storytelling, protests, communication.

O amor que esta violência encerra é tão brutal quanto a própria violência, porque não é um amor de complacência ou de contemplação mas um amor de ação e transformação.

Glauber Rocha

As manifestações sociais iniciadas em junho de 2013 no Brasil culminaram, um ano depois, numa série de protestos durante a Copa do Mundo. Nosso interesse por esse fenômeno social deve-se à notoriedade do futebol como esporte de massa no Brasil, sendo a realização do maior evento futebolístico do mundo, portanto, esperada por brasileiros e por muitos estrangeiros em cujo imaginário o Brasil é dado como um país festivo e hospitaleiro. Entretanto, esse horizonte imaginário, inicialmente, foi confrontado com um país no qual reverberavam, ainda, as manifestações ocorridas em 2013 e que sentia a expectativa da eleição presidencial em outubro de 2014. Muitas histórias que puderam ser lidas pela internet sobre as manifestações ocorridas, sobretudo, nas cidades-sede da Copa foram criadas com o recurso transmídia pela narração das manifestações em textos orais, fotográficos e audiovisuais acessíveis em diferentes canais, tais como *sites*, blogs e redes sociais.

Embora o uso de narrativas transmídias (NT) não seja novo, como podemos atestar, por exemplo, com a série *Star Wars*, que virou filme, história em quadrinhos e cuja saga teve continuidade com a criação narrativa de seus próprios fãs, o conceito estabeleceu-se há cerca de dez anos para explicar o fenômeno comunicacional da convergência dos meios que possibilitam o fluxo de conteúdos em múltiplos canais.

Scolari (2013), uma das maiores autoridades no assunto contemporaneamente, diz:

Em poucas palavras: as NT são uma forma particular de narrativa que se expande através de diferentes sistemas de significação (verbal, icônico, audiovisual, interativo, etc.) e meios (cinema, quadrinhos, televisão, videogames, teatro etc.) (SCOLARI, 2013, p.24, tradução nossa)².

2 "En pocas palabras: las NT son una particular forma narrativa que se expande a través de diferentes sistemas de significación (verbal, icónico, audiovisual, interactivo, etc.) y medios (cine, cómic, televisión, videojuegos, teatro, etc.)."

Cada sistema de significação contribui com a construção da narrativa de acordo com a sua potencialidade de significar, sendo os conteúdos distribuídos em diferentes meios, os quais podem ser acessados de vários dispositivos, tais como telefones celulares, televisores, computadores etc., gerando uma rede que, além da divulgação, permite a recriação dessas narrativas em diferentes sistemas semióticos, por quem esteve presente no momento em que elas ocorreram ou por um analista dos movimentos ou por alguém que deseja, apenas, dar a sua opinião.

Nos últimos anos, o jornalismo evoluiu graças à tecnologia e a comunicação mudou radicalmente devido à possibilidade de ruptura com os meios tradicionais de comunicação de massa. Hoje, qualquer um, munido de um aparato tecnológico, pode converter-se em um jornalista cidadão.

“Projeto da agência Magnum com brasileiros documenta o país na Copa” (OLIVA; GRAGNANI, 2014) e “Futebol sem roupa e tropa rosa shock nos protestos cariocas” (NINJA, 2014) disparam *flashes* sobre um texto de Ivana Bentes publicado em 2007 que cunhou a expressão “cosmética da fome” – em referência ao manifesto “Estética da fome”, escrito por Glauber Rocha em 1965 – para analisar as representações audiovisuais na cultura cinematográfica brasileira.

Em sua *Eztetyka da Fome*, como Glauber a chamava, “a mais nobre manifestação cultural da fome é a violência” (ROCHA, 2007). A fome de cultura era o veneno que a arte brasileira precisava curar com a violência estetizada, que seria capaz de criar uma arte revolucionária. A violência era o caminho pelo qual nasceria a conscientização artística e popular. Da violência como moral, o amor nasceria da brutalidade, potencializando-se em ação e transformação.

A *cosmética da fome*, expressão antropofágica criada por Bentes (2007), aponta para o filme *Cidade de Deus* como um produto cultural que oferece o consumo da pobreza, que se realiza em “um filme-sintoma da reiteração de um prognóstico social sinistro: o espetáculo consumível dos pobres se matando entre si” (Ibid., p. 252).

Menos de 10 anos depois, a cultura audiovisual brasileira passa por um outro processo ressignificante dos *modos de ver*, agora no jornalismo, que traz à tona novos sujeitos de discurso que transitam da ocupação de territórios materiais para territórios simbólicos e midiáticos.

“Projeto da agência Magnum com brasileiros documenta o país na Copa” (OLIVA; GRAGNANI, 2014) saiu na *Folha on line* em 29/06/2014. “Futebol sem roupa e tropa rosa shock nos protestos cariocas” (NINJA, 2014) apareceu em 28/06/2014 no *site* da Mídia Ninja. A primeira manchete noticia o trabalho de fotógrafos estrangeiros durante a Copa do Mundo de 2014, intitulado *Offside Brazil*. Poderíamos dizer que haveria desse *outro lado* uma mudança de holofote focando a mesma roupa, da *cosmética da fome* para a *estética da rua*, que explica o “outro lado” do Brasil das manifestações pelo olhar de fotógrafos brasileiros, filtrado pela lente exógena da agência Magnum? Poderia estar havendo o nascimento do consumo de uma política da rua cidadã-jornalística, um espetáculo consumível da repressão por parte de instituições, como a polícia e o Estado, sobre manifestantes?

As fotos da agência Magnum apresentam diferentes sujeitos que contam histórias que não interessariam à FIFA dar prova de existência, e tampouco aos meios tradicionais de comunicação (talvez pelo olhar da *cosmética da fome*), pois essas fotos trazem como protagonistas pessoas que tiveram suas vidas entrelaçadas com a narrativa do mundial futebolístico, seja ela real, seja ficcional.

A manchete “Futebol sem roupa e tropa rosa shock nos protestos cariocas”, do grupo Mídia Ninja, maior mantenedor das fotos do projeto *Offside Brazil*, trata da mudança de estratégia dos manifestantes durante a Copa do Mundo ocorrida no Brasil. Os manifestantes, que congregavam múltiplas e difusas identidades numa *mélange* urbana, misturavam-se em grupos de artistas, ativistas, movimentos sociais para mostrar, na Copa na Rua, como vários sujeitos foram afetados pela instalação da Copa no Brasil. O ato se dividiu entre o grupo que seguiu até a FanFest, organizada pela FIFA, e os que participaram do *FuckFyfaFest – Malhação da Copa com Bunyotos de Corpo!*, bloco carnavalesco carioca que, segundo a notícia,

“reinventou a estética e a forma do protesto realizando uma ‘pelada pelada’ com homens e mulheres nus jogando futebol na areia” (NINJA, 2014). Os manifestantes coroaram o ato com a *carnavalização* da manifestação de rua, na análise da cultura popular de Bakhtin (2010), de forma a celebrar a dimensão corporal da vida pela ridicularização do poder instituído da FIFA.

A intimidação e a violência policial novamente fizeram-se presentes no ato contra a Copa, marcando uma diferença da ação dos manifestantes em relação à da polícia: novidade. Os manifestantes trazem um “discurso político renovado, fora das instituições tradicionais” (BENTES, 2007, p.253) dando vida ao fato e documentando-o. Eles se reúnem formando uma rede tecnológica de indignação que detém uma linguagem de ação e de comunicação que suporta “a capacidade autônoma de comunicar-se e organizar-se” (CASTELLS, 2013, p.24). Essa capacidade passa pela facilidade de os jovens, contemporaneamente, se auto-organizarem com o uso de dispositivos móveis e ubíquos que lhes permitem fazer um primeiro contato virtual que ganha corpo nas ruas, onde os encontros são fotografados, filmados e contados verbalmente ou por memes facilmente compartilhados em redes sociais, *sites* e até incorporados, em alguma medida, pelos meios de comunicação ditos tradicionais, que vêm utilizando muitos registros audiovisuais de coletivos independentes.

De acordo com Castells (2013), grande parte dos manifestantes espalhados pelo mundo é composta de jovens desempregados com nível de formação superior que utilizam formas de comunicação multimodais e ocupam o espaço público. Os jovens manifestantes usam o corpo como uma linguagem de ocupação espacial e comunicacional, reforçando as tecnologias usadas por outros movimentos, como os ocorridos em Tunísia, Finlândia, Egito, Espanha e Estados Unidos, que se transformaram todos num *movimento-manifesto internetializado*. O corpo é usado no instante-momento da performance revolucionária e sua validade como ato é esse lapso que se eterniza como vírus na rede digital.

A revolução manifestante, segundo Castells (2013), se processa em três etapas: organização, debate e convocação pela internet. A tecnologia digital

é uma ferramenta que se transformou em artefato cultural de organização e expressão política que, graças ao seu caráter multimodal e transmidiático, prolifera informações em vários formatos e meios.

A década de 2000 inaugurou uma renovação estética do audiovisual brasileiro com a "cosm(o)ética" do cinema nacional, e a década de 2010 está vivenciando uma renovação na linguagem jornalístico-documental trazendo uma *estética da rua* para a tela dos diferentes tipos de computadores, sobretudo os móveis e ubíquos. Os manifestantes de agora são responsáveis por narrativas nas quais assumem diversos papéis: protagonista, fotógrafo, jornalista, entre outros. Eles registram em parceria os espaços físicos urbanos e o transfiguram em espaços urbanos digitais pelo compartilhamento de textos, vídeos e fotos em redes sociais, fóruns de discussão, blogs e *sites*.

Tais movimentos podem, ainda, serem associados a um *#ciber#arte#ativismo*, porque usam um *design* inovador na criação e comunicação de atos com o uso do corpo, de filmes-documentários e montagens fotográficas, renovando a ideia de uma *câmera na mão*. Uma nova estética jornalística ganha vida com a criatividade viva do *ato-vivido-narrado*, recriando uma forma outra da legitimidade noticiada.

A legitimidade certifica ao sujeito o direito à palavra. Ela autoriza o sujeito a agir ou a falar porque se vê reconhecido a fazê-lo, legitimado pelo outro, em consequência da aceitação de validade acordada pelos membros da interação (CHARAUDEAU, 2009). Como grupo não autorizado a produzir notícia, os manifestantes-jornalistas se preocupam com o "Estou aqui para falar como?" para captar interlocutores. A imagem tem sido o *como* pelo qual os manifestantes trazem a prova do vivido para o narrado. Imagens se proliferam no espaço-tempo digital e são documentadas em múltiplas formas e acessos. A esfera pública tornou-se híbrida e simultânea, pois há pessoas lutando nas ruas e na internet.

Por essa estratégia de circulação múltipla e solidária, a mídia nomeada *anárquica* vem tomando um espaço ocupado totalitariamente pela mídia

tradicional, que num movimento antropof(tr)ágico se apropria do material daquela. A Mídia Ninja vira notícia na *Folha de S. Paulo*. O material político da Mídia Ninja vira produto cultural na seção Ilustrada da *Folha*. Conforme Nogueira (2013), cidadãos precisam de espaço de exposição e, por isso, colocam-se disponíveis para a mídia – inclusive a tradicional –, que é um mecanismo hipermoderno do exercício democrático.

A mídia tradicional e parte da intelectualidade brasileira tentaram desclassificar politicamente a onda das ruas, sobretudo com o argumento da violência usada pelos movimentos. Construiu-se uma deformação da imagem captada no calor das manifestações, que, por repetição, consolidou-se na propagação midiática. Entretanto, é inegável que, em certa medida, a violência deu maior visibilidade às manifestações. Relembrando Glauber Rocha (2007), a violência captada pela câmera estetiza a radicalidade da vida. Se a violência era um componente da arte na *Eztetyka*, hoje ela é um componente da manifestação porque continua sendo existente na vida.

Até junho de 2013, não havia um imaginário de movimentos sociais violentos na democracia brasileira, o que provocou a classificação de “vândalos” para o grupo *Black Bloc*, que se infiltrou em várias manifestações ocorridas, sobretudo, em São Paulo e Rio de Janeiro. Jornalisticamente, os meios de comunicação deslegitimaram a produção de notícias realizada pela Mídia Ninja e outros coletivos, responsáveis por darem visibilidade a uma eclosão de cidadania dos movimentos *mélange*.

Do tema da mobilidade ao #NãoVaiTerCopa, as manifestações no Brasil amadureceram e construíram novas estratégias de ação e visibilidade. O próprio movimento-manifesto se autocanibalizou, reeditando-se e renovando-se. Do questionamento à representatividade democrática de partidos e políticos ao combate da FIFA como organismo político com representação no país, as manifestações no Brasil deram origem a novas linhagens ancoradas no exercício da cidadania.

Um ano que se inicia historicamente com as manifestações de junho de 2013 é marcado pelo entendimento de que a ocupação da rua é um instrumento de luta pela cidadania e pelas novas formas de participação cidadã para um país em que a democracia se burocratizou. Para o jornalista Piero Locatelli (apud MATTOS, 2014), os protestos mostraram que as pessoas podem conseguir seus objetivos indo às ruas, sem depender do intermédio de instituições, e elas acabaram, ainda, com um conformismo e uma inércia ancorados no país.

A sensação de empoderamento da população se contagiou para a Copa, embora tenha levado bem menos pessoas às ruas. Na análise de Locatelli (Ibid.), esse esvaziamento das ruas deveu-se à falta de uma pauta concreta que unisse os manifestantes. Cava (apud MATTOS, 2014) concorda que a Copa não adensou as manifestações pela dificuldade de se organizar protestos em pleno Mundial, sobretudo, em um país com forte identificação com o futebol. Somado a isso, a polícia, nesse um ano, preparou-se para conter qualquer onda de manifestações durante a Copa, contando com o apoio do Exército.

Durante e após o mundial ocorreu a campanha "Liberdade Já". A Mídia Ninja, um dos atores que está desenhando esse processo de construção da democracia brasileira, exigiu a libertação de todos os presos durante a Copa e narrou, nas redes sociais e em *sites*, informações sobre o que aconteceu com cada sujeito que fez do seu corpo a sua luta. Doze deles acabaram conseguindo *habeas corpus* e foram liberados pela Justiça.



Figura 1: Cartaz da campanha "Liberdade Já!", que circulou na rede social Facebook

A Copa acabou, mas deixou o seu legado: manifestantes presos, cerceamento do direito de reunião e de expressão, arbitrariedade judicial, desrespeito ao cidadão e à Constituição. Após a liberação por *habeas corpus* concedida por um juiz, um outro magistrado desrespeitou a concessão do *habeas corpus* ao decretar a prisão de 23 ativistas.

Em prol da democracia, do Direito e da liberdade de expressão dos movimentos sociais, um grupo de quatro deputados entrou com um pedido de reclamação disciplinar, no Conselho Nacional de Justiça, contra um magistrado (DEPUTADOS..., 2014). O argumento do grupo se baseia na objeção de que o juiz usou de poderes conferidos ao Judiciário para, por meio do decreto de prisão, coibir *supostas* práticas ilícitas. No entendimento do grupo político, o ato fere o Estado Democrático e o Direito, bem como os princípios do devido processo legal e da ampla defesa, visto que os manifestantes foram presos arbitrariamente.

Se toda luta de classes é uma luta política (MARX; ENGELS, 2008), qual o interesse de um servidor do judiciário em manter em cárcere 23 manifestantes? O que esse ato visou repercutir?

Se a deslegitimação política dos movimentos sociais ocorreu porque eles, aparentemente, não tinham uma bandeira política e um líder político, estariam sendo forjadas relações com o intuito de dar nome e rosto a um culpado. Entretanto, uma das características dos movimentos sociais contemporâneos e do jornalismo ativista é seu descentramento, isto é, a ausência de um centro de poder de onde emanariam comandos e decisões, o que dificulta a prática repressora da polícia.

Em documento assinado por vários cientistas sociais em 15 de julho de 2014, são apontadas algumas características dos movimentos originados em 2013 no Brasil:

Movimentos são horizontais, não há chefes ou líderes – Uma das características mais marcantes dos novos movimentos sociais é sua horizontalidade. A observação e análise de centenas de cientistas sociais no Brasil e no exterior tem mostrado reiteradamente que esses movimentos rejeitam estruturas verticais de comando. Isso significa que não é possível localizar no seu processo de organização social uma pessoa ou um grupo de pessoas cujas determinações sejam acatadas como ordens pelos demais participantes. Assim, apontar alguns manifestantes que participam desses movimentos como líderes ou chefes de quadrilha está em desacordo com as dinâmicas sociais que temos observado e registrado nos nossos estudos.

Adesão a protestos de rua é espontânea, não há quadrilha, nem associação – Nossa observação e análise tem mostrado também que os protestos de rua dos novos movimentos não se caracterizam por planejamento prévio dos participantes. Os participantes de manifestações se reúnem espontaneamente atendendo a um chamado que normalmente se limita a indicar o local do protesto e a causa pela qual se manifesta. As centenas ou milhares de pessoas que se reúnem não constituem uma organização, nem prévia, nem posterior aos protestos. O fato de as redes sociais permitirem que pessoas que participaram ou pretendam participar de protestos comuniquem-se e interajam não é suficiente para caracterizá-las como uma organização já que essa interação é espontânea, informal e não estruturada. (MANIFESTAÇÃO..., 2014).

Os movimentos sociais no Brasil pós-junho de 2013 tiraram as entidades institucionais (tais como governo, partidos políticos e mídia tradicional, polícias) de suas zonas de conforto e, também, os cidadãos brasileiros, que passaram a ter no seu imaginário sociodiscursivo o mote dos direitos civis e sociais como algo possível de ser alcançado pela mobilização coletiva.

Embora as teorias contemporâneas ocupem o mesmo espaço-tempo dos fenômenos sociais, desafiando-as a interpretar a realidade, buscamos apresentar o recurso transmidiático na elaboração das narrativas analisadas a partir de textos responsáveis por colocar em circulação discursos da opinião pública. Na ecologia dos meios, explodem novas formas de comunicação, novos meios e novas plataformas. Nesse cenário, o relato transmídia pluraliza as possibilidades de significação e as vozes de vários sujeitos, incorporando, sobretudo, aqueles terceiros – conforme analisou Bakhtin (1997, p. 392) ao estabelecer a relação entre polifonia e retórica – que participam, como audiência e como produtor, na elaboração e difusão de narrativas transmidiáticas.

Um vídeo das manifestações pode reduzir-se a um *tweet*, pode ser postado no Facebook com uma nota, pode complementar uma notícia escrita a ser publicada em um *blog*, que pode contar, ainda, com um relato fotográfico e pode, também, virar exposição³. A força dos movimentos sociais contemporâneos deve-se à ampliação dos modos de produzir narrativas, dos meios em que elas circulam e dos dispositivos que as disparam, permitindo, tecnologicamente, uma ação comunicativa mais colaborativa.

3 Em referência à exposição As Ruas de Junho (MANIFESTAÇÕES..., 2014), cuja proposta é relembrar o momento histórico das manifestações de junho de 2013 no Brasil com a apresentação de 15 imagens feitas por midialivistas da Mídia de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação (Ninja).

Referências

BAKHTIN, M. *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENTES, I. Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome. *Revista ALCEU*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 242-255, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu_n15_Bentes.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2014.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARAUDEAU, P. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, M. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 309-326.

DEPUTADOS ajuízam ação no CNJ contra juiz que decretou prisão de manifestantes no Rio, 18 jul. 2014. *TVT*. Disponível em <<http://www.tvt.org.br/noticias/deputados-ajuizam-acao-no-cnj-contraj-que-decretou-prisao-de-manifestantes-no-rio>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

MANIFESTAÇÃO não é formação de quadrilha. *Carta Capital*, 15 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/pesquisadores-questionam-2018formacao-de-quadrilha2019-para-manifestantes-8949.html>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

MANIFESTAÇÕES de junho de 2013 são tema de exposição em Juiz de Fora, 7 abr. 2014. *G1*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/>>

noticia/2014/04/manifestacoes-de-junho-de-2013-sao-tema-de-exposicao-em-juiz-de-fora.html>. Acesso em: 21 out. 2014.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MATTOS, L. História feita nas ruas em 2013 deixa lições na Copa. *O tempo*, 13 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/capa/brasil/historia-feita-nas-ruas-em-2013-deixa-licoes-na-copa-1.882580>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

NINJA. Futebol sem roupa e tropa rosa shock nos protestos cariocas. *Mídia Ninja*, 28 jun. 2014. Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/article/Futebol-sem-roupa-e-tropa-rosa-shock-n-1>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

NINJA. Nossa democracia está em jogo. Protesto não é crime! *Mídia Ninja*, 15 jul. 2014. Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/article/Nossa-Democracia-est%25C3%25A1-em-jogo.-Pr-2>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

NOGUEIRA, M. A. *As ruas e a democracia: ensaios sobre o Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

OLIVA, D.; GRAGNANI, J. Projeto da agência Magnum com brasileiros documenta o país na Copa. *Folha de S. Paulo*, 29 jun. 2014, Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/06/1477351-projeto-da-agencia-magnum-com-brasileiros-documenta-o-pais-na-copa.shtml>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

ROCHA, G. Estética da Fome. *Memórias do subdesenvolvimento*,. 16 jun. 2007. Disponível em: <<http://memoriasdosubdesenvolvimento.blogspot.com.br/2007/06/esttica-da-fome-manifesto-de-glauber.html>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

SCOLARI, C. A. *Narrativas transmedia: cuando todos los medios cuentan*.
Barcelona: Centro Libros PAF, 2013.

submetido em: 21 out. 2014 | aprovado em: 05 dez. 2014